

## **Internet, alguns desafios: a representação que os jovens revelaram da Internet**

José Carlos Abrantes<sup>1</sup>

“Internet est un réseau de communication planétaire, mais sa pratique, sa réalité en pleine évolution sont, (...), les produits de l’action humaine dans des conditions historiques données.”

Manuel Castells

### **O que é a investigação “Os jovens e a Internet”?**

Em Outubro de 1998 o Instituto de Estudos Jornalísticos (IEJ) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra participou numa reunião realizada no Centre de Liaison des Moyens d’Information et de l’Enseignement (Clemi), em Paris, sobre o projecto de investigação “Os jovens e a Internet.” A investigação, que nascera na Universidade de Sherbrooke, no Canadá, estava a ser alargada a outros países francófonos: França, Bélgica e Suíça.

A presença de Portugal levantou a questão da eventual extensão da investigação a alguns países latinos (Portugal, Itália e Espanha) tendo os elementos presentes (Jacques Piétte, da Universidade de Sherbrooke/Canadá), Évelyne Bévort, do Clemi/França e Thierry De Smedt, da Universidade Católica de Louvain/Bélgica) acordado nessa extensão.

Em Maio de 1999 veio a realizar-se nova reunião, em Paris, em que estiveram presentes, além do autor deste documento, os mesmos participantes, bem como o investigador italiano, Pier Cesare Rivoltelle, da Universidade Cattolica di Milano, e ainda dois investigadores da suíça francófona. O investigador espanhol, Mariano Sanchez, da Universidade de Granada, não esteve presente mas veio posteriormente a ter contactos, no Canadá, com a equipa orientadora da investigação.

O objectivo do projecto foi o de traçar um retrato dos jovens face ao desenvolvimento da Internet. Esse retrato inclui uma

componente nacional e uma outra componente internacional, comparativa, dada a participação de vários países.

A investigação foi conduzida por três questões centrais:

Qual a representação que os jovens têm da Internet? Importa avaliar a imagem da Internet, quer os jovens sejam utilizadores, quer não. A investigação procurou medir o impacto do discurso social, escolar ou familiar na representação que o jovem tem da Internet e nos seus modos de utilização.

- Qual a utilização efectiva que os jovens fazem da Internet? Tratou-se de verificar as condições concretas de utilização (frequência, duração, lugar, enquadramento, condições de acesso, etc) bem como determinar as modalidades e tipos de utilização.

- Como é que se verifica a apropriação da Internet, pelos jovens? Trata-se de precisar o grau e tipo de integração nos hábitos de vida dos jovens. Em que medida, por exemplo, o acesso à Internet modifica, enriquece ou altera comportamentos sociais, modos de aprendizagem, hábitos de consumo mediático e cultural, expectativas.

Um dos elementos de recolha de dados foi um inquérito cuja matriz tinha sido trabalhada inicialmente no Canadá e já então havia sido aplicada a cerca de mil alunos canadianos. Esta matriz foi discutida na reunião de Maio de 1999, tendo sido feitas algumas adaptações e modificações para ter em conta especificidades de cada país. A versão final, enviada por Jacques Piétte a todos os investigadores, foi traduzida em português (Documento 2. Inquérito). Uma versão foi depois testada com um grupo de jovens da Escola Maria Veleda, antes de ser aplicada no terreno.

A investigação foi realizada em escolas de Lisboa, Coimbra, Vila Real, Miranda do Douro, Beja e Moura. No entanto, embora os questionários tenham sido passados em todas essas localidades no meses iniciais do

ano 2000 (em Janeiro e Fevereiro), apenas foi possível, para a análise, ter em conta os dados de Lisboa e Coimbra pois, nos outros países, escolheram-se apenas duas cidades para a análise da situação.

Depois de ponderação, optou-se por Lisboa e Coimbra pois uma das obrigações comuns a todos os países era a de não fazer incidir o estudo em escolas com uma integração das tecnologias extremamente avançadas nem em escolas de potencial tecnológico muito fraco. A opção escolhida, embora discutível, procurou olhar para aquilo que considerámos então como pólos aceitáveis para uma investigação que não pode considerar-se, uma investigação quantitativa com pretensões de representatividade nacional. Esta escolha pode explicar alguns dados que poderão estar inflacionados, dado a análise se ter situado apenas em Lisboa e Coimbra.

Os alunos deviam ser escolhidos entre os que tivessem entre 12 e 17 anos, o que, no caso português, implicou a escolha de turmas do 7º, 8º, 9º e 10º, 11º anos.

Constituíram-se assim 5 níveis:

Nível 1 - 13 anos

Nível 2 - 14 anos

Nível 3 - 15 anos

Nível 4 - 16 anos

Nível 5 - 17 anos

Ficaram assim de fora os jovens de 18 anos ano isto dada também a exigência de comparação internacional.

Outro instrumento de investigação utilizado destinado a captar, de forma mais fina, a realidade que se pretendeu investigar, foi a entrevista semi-estruturada com alguns dos alunos que responderam aos inquéritos. Nos anexos encontra-se um guia para a realização das entrevistas que foi preparado por Jacques Piette e utilizado por todos.

Os dados quantitativos dos inquéritos de todos os países foram tratados na Universidade de Sherbrooke com evidentes vantagens de economia de custos e de aplicação de critérios comuns. Esses dados, bem com os dados qualitativos, foram depois objecto de análise e interpretação em cada país. A Universidade de Sherbrooke enviou também a todas as equipas documentos para normalizar a pesquisa (instruções de preenchimento dos inquéritos, a já referida sugestão de

guião para as entrevistas, bem como uma lista de entrevistados segundo certos critérios).

Importa ainda precisar que a investigação que apresentamos não se refere à observação de práticas dos jovens mas sim às práticas declaradas pelos jovens, no inquérito e nas entrevistas.

## Contexto da Investigação

### A Internet em Portugal e na União Europeia

Os indicadores estatísticos publicados pelo Observatório das Ciências e das Tecnologias em Março de 2002 dão 14% de lares equipados com computadores em 1997, 27% em 2000 e 39% em 2001. Também nas ligações à internet a percentagem de utilizadores seria de 2% em 1996, 6% em 1997 mas em 2000 a percentagem de utilizadores sobe para 22% e em 2001 seriam já 30% (Mata, 2002). Estes números parecem querer dizer que uma expansão continuada da utilização das tecnologias da informação e da internet, em particular, se verifica no ano em que o trabalho de campo se realiza.

Se compararmos com a União Europeia (embora em 2001, por não dispormos de dados para 2000) vemos que apenas um dos países que entrou na investigação – a Bélgica – ultrapassa a média da União Europeia, na percentagem da população que utiliza a Internet, sendo que a França iguala essa média. Também se reproduzem, no interior da União Europeia, as desigualdades Norte-Sul apontadas a nível mundial.

**Tabela 1**  
**Utilização da Internet**  
**na União Europeia, 2001**  
**% da população que utiliza**

	%
Dinamarca	71,2
Bélgica	49,0
União Europeia	40,6
França	40,6
Espanha	36,6
Itália	35,4
Portugal	30,3

Fonte: Eurobarómetro, Flash 103, Junho 2001

Já para a Internet que se utiliza em casa os dados disponíveis apontam em geral para a mesma tendência, embora Espanha e Portugal se equivalham na consulta doméstica.

**Tabela 2**  
**Utilização da Internet**  
**em casa na União Europeia, 2001**  
**% da população que utiliza**

	%
Suécia	55,0
União Europeia	30,9
Bélgica	49,0
França	22,0
Itália	30,3
Espanha	18,7
Portugal	18,7

Fonte: Eurobarómetro, Flash 103, Junho 2001

Os dados de utilização de que dispomos são bastante mais elevados para a consulta domiciliária pois os jovens que declaram usar Internet em casa ultrapassam os 40%. Lembremos que tratámos dados apenas em escolas de Lisboa e Coimbra, escolas com algum equipamento informático, sendo provavelmente também a sua localização no interior das cidades explicativa de um domínio de classes médias, mais estáveis economicamente e, por isso, mais predispostas a investigar no computador e na internet como equipamento doméstico. No entanto, nas entrevistas, ouvimos alguns casos de jovens com famílias operárias ou de serviços pouco qualificados revelarem terem já computador e, nalguns casos, terem mesmo acesso à internet ou terem uma expectativa forte de a vir a ter em breve. Trata-se de um sector que revela uma expansão fortíssima: basta acentuar que os utilizadores da internet, em 1999, seriam 2% e em 2001 seriam já 30%. Por outro lado, se analisarmos a evolução de utilização segundo os escalões etários, podemos perceber que 54% dos jovens entre os 15 e os 19 anos utilizavam a internet em 2000 (subindo para 72% em 2001). Na faixa dos 40-49 anos apenas 10% utilizava em 2000 ou apenas 4% dos mais de 50 sabiam o que era utilizar a internet nesse ano. Nas entrevis-

tas foi-nos possível verificar ser muito grande a pressão que os jovens que não dispõem de Internet em casa faziam sobre as famílias para estas se equiparem, quase sempre com argumentos de necessidade para os estudos. Isto quer dizer que pode pôr-se como hipótese que o crescimento de utilização da Internet no domicílio se esteja a verificar sobretudo nos lares com jovens, sendo por isso o crescimento geral do país bastante menor do que o que se revela na faixa etária dos jovens estudantes.

**Tabela 3**  
**Evolução dos utilizadores da Internet**  
**em Portugal por escalão etário**  
**% da população que utiliza**

	2000	2001
15-19 anos	54	72
20-24 anos	45	58
25-29 anos	34	45
30-39 anos	17	26
40-49 anos	10	16
+ de 50 anos	4	7
Total	22	30

Fonte: Mata, 2002

### 3. Representação

Este aspecto da investigação procurou verificar quais as representações que os jovens têm da Internet. Mesmo os jovens que usam pouco constróem as suas representações sobre a Internet: o que é, como funciona, como os colegas e amigos a utilizam, que efeitos pensa que terá. Podemos dizer que procurámos saber qual o “espírito da Internet” existente nos jovens inquiridos (Flichy, 2001: 10). Para isso utilizámos não apenas os dados quantitativos como também as opiniões expressas nas entrevistas.

#### O que pensam os jovens da Internet

Setenta e nove por cento dos jovens inquiridos concorda com a ideia de que a Internet é revolucionária e destes, 48% afirma estar completamente de acordo com essa ideia. Apenas 7% dos jovens afirma discordar da afirmação.

Durante as entrevistas, alguns jovens justificam este carácter revolucionário com a proximidade que a Internet permite face a outras pessoas e com a espontaneidade de acesso à informação. Importa precisar que a qualificação de revolucionária talvez não fosse muito adequada pois no modo de pensar dos jovens, este qualificativo introduzirá um universo de referência muito diversificado, conteúdos semânticos muito contrastados e nem sempre compatíveis com a ideia do romantismo ou da profunda alteração de estruturas que a revolução sugere para as gerações mais velhas. A Internet, sendo revolucionária para os jovens inquiridos, não põe a vida do avesso: antes a faz continuar de modos aqui e além mágicos, extraordinários, imprevisíveis.

**Tabela 4**  
**A Internet é Revolucionária?**  
**(Opinião; percentagem)**

Discorda	7
Discorda totalmente	3
Discorda em parte	5
Concorda	79
Concorda parcialmente	31
Totalmente de acordo	48

É entre os que não possuem qualquer ligação à ‘Web’ no lar que a ideia da revolução é menos partilhada embora com pouca diferença (85% para os que têm Internet, 79% para os que não têm).

**Tabela 5**  
**A Internet é Revolucionária?**  
**(Opinião; percentagem segundo posse de acesso à Internet no lar)**

	Com Internet	Sem Internet
Discorda	4	11
Discorda totalmente	1	5
Discorda em parte	3	6
Concorda	85	79
Concorda parcialmente	34	26
Totalmente de acordo	51	52

São os jovens que dispõem de uma ligação à Internet quem mais afirma estar “parcialmente de acordo” com o carácter revolucionário da Internet – 34% dos alunos que exprimem esta ideia tem uma ligação no lar.

A opinião que exprime o total acordo com o carácter revolucionário da Internet não regista grandes alterações entre quem possui e quem não possui uma ligação à Internet.

**Tabela 6**  
**Não se pode passar sem a Internet?**  
**(Opinião; percentagem total, segundo género, segundo posse de Internet no lar e faixa etária)**

	Total	Raparigas	Rapazes	Com Internet	Sem Internet
Discorda	45	44	46	50	43
Discorda totalmente	21	20	21	19	22
Discorda em parte	24	24	25	31	21
Concorda	45	46	44	43	51
Concorda parcialmente	29	30	29	27	32
Totalmente de acordo	16	17	14	16	19

**Tabela 6A**

	Total	+ Velhos	* Novos
Discorda	45	41	47
Discorda totalmente	21	20	21
Discorda em parte	24	22	26
Concorda	45	52	41
Concorda parcialmente	29	33	27
Totalmente de acordo	16	19	14

Mas se o aspecto revolucionário da ‘Web’ reúne o consenso de grande parte dos inquiridos, 45% acha que, após experimentar não se pode passar sem ela, sendo igual em número os que pensam exactamente o contrário. Ou seja, cerca de metade dos jovens inquiridos rendem-se ao potencial inovador da Internet mas um número igual considera, mesmo assim, que pode passar sem ela.

De salientar que a afirmação *Não se pode passar sem a Internet* pode ter uma interpretação pejorativa, uma vez que tem uma dimensão de dependência, sem a qual o adicto

não pode viver, condicionando, eventualmente, as respostas de alguns dos adolescentes nada inclinados para caucionarem tal dependência.

Dos que concordam com a ideia de que é impossível passar sem a 'Web', 29% estão parcialmente de acordo. O grande grupo dos que transmite a ideia com toda certeza, isto é, estão "totalmente de acordo", são, sem dúvida os utilizadores frequentes (36%), enquanto que os ocasionais se ficam pelos 13% e os regulares pelos 11%. Estes resultados fazem-nos reflectir acerca dos efeitos que os cibernautas regulares sentem em relação à sua própria utilização da Internet. De facto, quanto mais se usa a Internet mais se parece ter a consciência da imprescindibilidade da rede.

Também os mais velhos estão mais no campo da concordância do que os mais novos. Terão estes mais consciência de que há medida que se utiliza um utensílio técnico mais este integra o nosso ser social?

Nas entrevistas, existem também depoimentos contraditórios pois alguns jovens utilizadores, com e sem ligação em casa, confessavam que tinham ideia de que a Rede seria completamente "viciante", por ser algo tão agradável. Mas, por outro lado, alguns confessavam que a ideia de deixar de poder utilizar a Internet não era muito agradável, embora não a considerassem "viciante", pois conseguiam passar alguns dias sem utilizar.

**Tabela 7**

**A Internet é uma perda de tempo? (Opinião; percentagem total, segundo perfil de utilizador de Internet no lar)**

	Total	Ocasional	Regular	Muito frequente	Sem Net	Com Net
Discorda	86	94	86	84	94	86
Discorda totalmente	66	67	69	75	72	70
Discorda em parte	21	26	17	9	22	17
Concorda	8	3	6	9	3	8
Concorda parcialmente	5	2	6	6	2	7
Totalmente de acordo	2	1		2	1	1

Quanto à utilidade da Rede, 86% dos inquiridos discordam da ideia de que a Internet seja uma perda de tempo (sendo que

destes, 66% declaram mesmo estar "totalmente contra"). Apenas 8% concordam que o tempo passado na Internet não é útil e desses, uma percentagem mínima de 2% diz "concordar completamente" com a ideia de que navegar na Rede é um desperdício de tempo. Ou seja, os jovens inquiridos não se sentem a perder tempo quando estão ocupados com a Internet. A Internet parece ser uma extensão da vida e, nessa medida, uma aplicação proveitosa do tempo que se lhe dedica.

Assinale-se que entre os que têm Internet em casa é maior a percentagem dos que consideram perder tempo (8% contra 3% nos que não dispõem de Internet). Possível explicação: a maior disponibilidade dos primeiros permite-lhes uma maior divagação nas utilizações aumentando assim esta sensação de desperdício de tempo.

**O que pensam os jovens sobre a tecnologia da Internet**

**Tabela 8**

**É fácil aprender a utilizar a Internet? (Opinião; percentagem total e segundo género)**

	%
Discorda	11
Discorda totalmente	2
Discorda em parte	9
Concorda	74
Concorda parcialmente	45
Totalmente de acordo	29

Quase três quartos (74%) dos jovens inquiridos estão convictos que é fácil aprender a usar a Internet. Só 11% dos inquiridos estão em desacordo com a afirmação da aprendizagem fácil.

No entanto, a convicção da facilidade do uso deve relativizar-se, uma vez que apenas 29% destes estão totalmente de acordo com a afirmação, enquanto 45% afirmam estar "parcialmente de acordo". Esta hesitação em concordar totalmente na facilidade de uso poderá residir no facto de 44% dos adolescentes julgarem ser necessário saber informática e 63% considerarem o conhecimento da língua inglesa essencial para as navegações na 'rede'.

**Tabela 9**  
**Para utilizar a Internet**  
**é preciso saber inglês?**  
**(Opinião; percentagem total,**  
**segundo género)**

	Total	Raparigas	Rapazes
Discorda	28	30	24
Discorda totalmente	8	9	7
Discorda em parte	20	21	18
Concorda	63	61	67
Concorda parcialmente	47	46	48
Totalmente de acordo	17	15	19

63% dos jovens inquiridos considera ser preciso saber inglês para navegar na Internet. Apenas 28% dos jovens inquiridos considera que a falta de conhecimento desta língua não é impeditiva da utilização. Quanto ao conhecimento da língua inglesa, verifica-se que a grande maioria (entre 76 e 78%) assegura ter bastantes, ou mesmo muitos, conhecimentos de inglês oral e escrito. Embora as raparigas sejam mais contidas e apresentem índices mais baixos no que diz respeito à auto-avaliação do conhecimento da língua: 29% dos rapazes afirma “falar muito bem inglês” - a percentagem das raparigas fica-se pelos 19%. O mesmo se verifica na leitura: 27% das raparigas garantem “ler inglês muito bem”, nos rapazes a percentagem sobe aos 42%. Serão as raparigas mais exigentes na auto-avaliação ou corresponderão estes dados a uma real diferença? Verificamos também que as respostas que indicam um bom conhecimento da língua, mas com algo ainda a melhorar, traduzidas pela expressão “bastante bem” têm percentagens de respostas de indivíduos do sexo feminino mais elevadas: 50% das raparigas contra 37% dos rapazes a dizer o mesmo. A percentagem de jovens a dizer que não lêem ou falam inglês é muito reduzida pois apenas 2% afirma nada ler de inglês, e 12% dizem ler apenas um pouco). A língua dos principais “sítios” utilizados é, sem dúvida, o inglês, com 85% dos inquiridos a admitir navegar em ‘sites’ cuja língua é o inglês, com apenas 3% a afirmarem nunca o fazer.

Os alunos mais velhos afirmam ter mais conhecimentos da língua e são também eles que estão mais de acordo com a ideia de que o inglês é essencial para se poder navegar na Internet.

**Tabela 10**  
**Para utilizar a Internet**  
**é preciso saber informática?**  
**(Opinião; percentagem total,**  
**segundo género)**

	Total	* Velhos	* Novos
Discorda	45	55	38
Discorda totalmente	13	15	12
Discorda em parte	31	40	26
Concorda	55	40	47
Concorda parcialmente	32	32	33
Totalmente de acordo	12	9	14

O mesmo já não é tão visível no que diz respeito à necessidade de saber informática para poder utilizar a ‘Web’, pois 45 por cento acham que não é preciso saber informática e 44 por cento acham que sim. A idade parece jogar como factor de tranquilização pois são os mais novos que estão mais de acordo com a necessidade destes conhecimentos.

**Tabela 11**  
**Para utilizar a Internet**  
**é preciso saber informática?**  
**(Opinião; percentagem total,**  
**segundo género)**

	Total	Ocasional	Regular	Muito frequente
Discorda	45	42	56	46
Discorda totalmente	13	12	15	19
Discorda em parte	31	30	41	27
Concorda	44	52	35	46
Concorda parcialmente	32	41	24	30
Totalmente de acordo	12	11	10	16



Os cibernautas muito frequentes dividem-se também entre a afirmação de ser preciso e não ser preciso saber informática. São os cibernautas ocasionais que apresentam os índices mais altos de respostas que implicam o conhecimento de informática. A regularidade na utilização parece ser o estado de espírito que mais se coaduna com uma utilização independente dos saberes sobre informática. Aqui também deveremos compreender que, por vezes, a necessidade de conhecimentos referida pode ser muito ligeira. De facto, alguns entrevistados mencionam que as necessidades de conhecimento se referem unicamente a utilizar o rato e o teclado.

**O que pensam os jovens dos conteúdos da Internet**

Sessenta e nove por cento dos adolescentes assegura confiar nos conteúdos da Internet. Isto significa que a Rede é vista pela maioria dos jovens como uma fonte segura de informação, o que foi confirmado nas entrevistas. Este pode ser um dos elementos importantes para elaborar uma estratégia de educação para os media centrada na Internet. Nas entrevistas, os jovens, partindo frequentemente de uma posição de confiança, chegavam, instantes depois, a matizar a confiança inicial. Alguns entrevistados lembram que as páginas têm diferentes graus de credibilidade. Em geral, mencionam as páginas pessoais como sendo as menos credíveis e as páginas oficiais de jornais e instituições aquelas em que confiam mais. Talvez a pensar nisso, 45% afirmem estar “parcialmente de acordo” e somente 25% afiancem confiar “totalmente” nas informações encontradas.

Segundo os resultados do inquérito, quanto mais se navega mais se confia na informação. Confie-se parcial ou totalmente nos conteúdos da ‘net’, os cibernautas que mais navegam confiam sempre mais nos conteúdos ‘on-line’ do que os outros, embora não se verifiquem fortes disparidades percentuais.

**Tabela 12**  
**Confio no que encontro na Internet?**  
**(Opinião; percentagem total, segundo**  
**distribuição geográfica e género)**

	Total	Lisboa	Coimbra	Raparigas	Rapazes
Discorda	17	15	18	14	20
Discorda totalmente	3	1	5	3	3
Discorda em parte	14	14	13	11	17
Concorda	69	69	70	71	67
Concorda parcialmente	45	46	43	47	41
Totalmente de acordo	25	23	27	24	26

As raparigas confiam mais no que encontram na Internet do que os rapazes (71% das raparigas confiam contra 67% dos rapazes). É também entre os jovens que não possuem ligação à Internet que o índice de confiança é mais alto (30% diz estar totalmente de acordo, enquanto a percentagem dos que possui ligação no lar se fica pelos 23%).

**Tabela 13**  
**É preciso controlar os**  
**conteúdos da Internet?**  
**(Opinião; percentagem total, segundo**  
**distribuição geográfica e género)**

	Total	Lisboa	Coimbra	Raparigas	Rapazes
Discorda	35	29	41	23	51
Discorda totalmente	17	12	23	9	29
Discorda em parte	17	17	18	14	22
Concorda	56	58	53	67	40
Concorda parcialmente	26	26	26	28	24
Totalmente de acordo	30	32	28	40	16

Um total de 56% dos inquiridos concorda com a perspectiva de se controlarem os conteúdos da Internet. Dos 56% que admitem alguma forma de censura à ‘net’, 30% não demonstram qualquer hesitação e afirmam estar “totalmente de acordo”. Nas entrevistas alguns jovens lembram que o que se considera conteúdos “potencialmente perigosos” está também disponível noutros suportes, como as revistas e os jornais. Talvez por isso, a percentagem dos que apenas está “parcialmente de acordo” com o controlo

efectivo das informações que percorrem a Rede atinja os 26% e os que “discordam totalmente” com qualquer forma de controlo sejam na ordem dos 17%, com uma forte incidência na cidade de Coimbra.

Em qualquer dos casos: parcial ou totalmente em desacordo, é na cidade de Coimbra que encontramos as mais elevadas percentagens dos desacordos: 41% dos estudantes de Coimbra “discorda totalmente” deste controlo, em Lisboa a percentagem fica-se pelos 29%. No entanto, nos resultados das respostas que indicam uma aceitação de alguma forma de controlo não se registam diferenças significativas entre os jovens inquiridos em Lisboa e Coimbra. As raparigas estão mais de acordo com esse controlo pois 40% a ele adere contra apenas 16% dos rapazes.

Durante as entrevistas foi também visível alguma indefinição relativamente à entidade a quem caberia gerir esse controlo no caso de ele ser instituído.

**Tabela 14**  
**É preciso controlar os conteúdos da Internet? (Opinião; percentagem segundo perfil de utilizador)**

	Ocasional	Frequente	Muito frequente
Discorda	33	39	41
Discorda totalmente	12	17	26
Discorda em parte	21	21	15
Concorda	58	51	48
Concorda parcialmente	24	24	30
Totalmente de acordo	33	28	19

São os utilizadores ocasionais os que concordam em maior número (58%) com a necessidade de controle da Internet. Os *navegadores* muito frequentes concordam com formas de controle, mas apresentam resultados mais elevados nas respostas que deixam algum espaço de manobra: as que falam em posições “parciais”. Trinta por cento dos que responderam estar “parcialmente de acordo” com o controle são utilizadores muito

frequentemente, enquanto os ocasionais e os regulares se ficam pelos 24%. Nas posições globais verificamos serem os utilizadores ocasionais quem mais se manifesta pela necessidade de controle (58%), seguidos pelos utilizadores frequentes (51%) e muito frequentes (48%). Verificamos também que se 58% dos inquiridos concordam com esse controle e 33% manifestam a sua discordância. Trata-se de um terreno em que se chocam as representações da Internet como expressão de liberdade e a necessidade de protecção dos mais novos, dos mais “fracos” ou dos mais sensíveis. Por outras palavras: a Internet foi concebida como uma tecnologia de comunicação *livre* – e os jovens inquiridos têm alguma percepção desse pressuposto – mas não resulta disso que sejamos, enfim, livres graças à Internet (Castells, 2001: 10).

Durante as entrevistas, os jovens manifestaram especial preocupação pelos sítios racistas, não dando tanta importância aos sítios pornográficos. Muitos dos entrevistados alegavam a necessidade de controlo, não por eles, dizem, mas devido aos mais novos, não manifestando qualquer receio em relação à si próprios. Sabemos, no entanto, como na recolha de opinião muitas vezes os problemas sentidos pelo inquirido são transferidos para outrém

**Tabela 15**  
**A Internet melhora a comunicação entre as pessoas? (Opinião; percentagem total)**

	Total
Discorda	7
Discorda totalmente	2
Discorda em parte	5
Concorda	87
Concorda parcialmente	29
Totalmente de acordo	58

A visão que os jovens têm sobre os efeitos que a Internet pode ter na comunicação interpessoal não parece oferecer grandes dúvidas: 87% dos inquiridos concordam que a Rede pode ser um contributo para melhorar a comunicação entre as pessoas.

Durante as entrevistas, alguns salientaram o facto de ser mais barato e mais fácil falar



com os amigos ou familiares que estavam longe. Outros lembraram que tinham conhecido alguns amigos, que frequentavam o mesmo estabelecimento escolar, devido à Internet. Esta utilização para comunicação com os que estão perto foi mesmo referida mais frequentemente, sendo assim um elemento de reflexão que contraria a ideia de comunicação mundial frequentemente associada à Internet.

De qualquer forma, 58% dos jovens “concorda plenamente” que a ‘Web’ é um factor positivo para a comunicação entre as pessoas. Somente 7% dos estudantes afirma discordar desta ideia. Não se verificam grandes disparidades na análise segundo o sexo, nem segundo a faixa etária. Curiosamente, também não se verificam grandes diferenças percentuais nas respostas dos alunos consoante têm ou não acesso à Rede no lar.

**Tabela 16**  
**Quando se utiliza a Internet falamos menos com os outros? (Opinião; percentagem total, segundo perfil de utilizador e segundo posse de ligação no lar)**

	Total	Ocasional	Regular	Muito frequente	Sem Net	Com Net
Discorda	60	53	62	73	51	73
Discorda totalmente	36	31	41	48	28	51
Discorda em parte	24	23	21	25	24	22
Concorda	28	32	26	20	33	21
Concorda parcialmente	20	24	20	14	23	17
Totalmente de acordo	8	8	6	6	10	4

A maioria dos inquiridos (60%) acha que o uso da Internet não faz com que se fale menos com os outros. Mesmo assim, 28% dos inquiridos acha que tal se verifica. No entanto, a maior utilização parece fazer decrescer esse temor pois os utilizadores ocasionais são os que têm níveis de discordância menores (53%), aumentando a discordância nos utilizadores regulares (62%) e nos muito frequentes (73%). Quem tem Internet no domicílio, bem como os utilizadores mais frequentes, são os que

sustentam maioritariamente esta boa harmonia entre a utilização e a convivalidade. Mas vinte e oito por cento dos jovens está de acordo com a ideia de que os cibernautas se tornam menos comunicadores. São sobretudo os que não possuem uma ligação à ‘Web’ no domicílio que assim julgam.

Durante as entrevistas, alguns jovens lembram que algumas vezes se comentam os conteúdos das páginas visitadas com os familiares. Alguns salientavam mesmo a navegação partilhada com os pais e com os irmãos.

**Tabela 17**  
**A Internet é antes de mais um meio de diversão? (Opinião; percentagem total, segundo perfil de utilizador e segundo faixa etária)**

	Total	Ocasional	Regular	Muito frequente	* Velhos	* Novos
Discorda	19	23	17	19	23	16
Discorda totalmente	4	3	4	2	4	3
Discorda em parte	15	19	13	16	17	13
Concorda	73	73	73	72	72	75
Concorda parcialmente	48	50	47	41	48	48
Totalmente de acordo	25	23	26	31	23	27

Segundo os resultados do inquérito, a Internet é antes de mais, um meio de diversão.

Setenta e três por cento dos jovens concorda com a afirmação, apesar de somente 25% deles estarem “totalmente de acordo”.

São sobretudo os mais velhos que discordam que a Internet é, antes de mais, uma forma de diversão. Embora estes também apresentem os resultados mais elevados na opção que diz estar de acordo, as diferenças entre mais velhos e mais novos são mais elevadas entre os que discordam. Aparentemente, o perfil de utilizador não é determinante para a opinião do cibernauta. Para 23% dos utilizadores ocasionais a Internet é, prioritariamente um meio de diversão, para 31% dos cibernautas muito frequentes também.

Tabela 18

**A Internet é uma ameaça ao português?  
(Opinião; percentagem total,  
segundo género)**

	Total	Raparigas	Rapazes
Discorda	66	61	72
Discorda totalmente	39	36	43
Discorda em parte	27	25	29
Concorda	21	24	18
Concorda parcialmente	17	20	13
Totalmente de acordo	4	3	5

Segundo os resultados do inquérito, a maioria dos jovens não vê a Internet como uma ameaça à língua portuguesa. Sessenta e seis por cento dos inquiridos refere não concordar com a ideia transmitida pela afirmação e desses, 39% afirma mesmo “discordar totalmente”. A percentagem análoga dos jovens que “concordam totalmente” com a ameaça fica-se pelos 4%, enquanto 13% dos inquiridos preferem não se manifestar.

De referir que alguns entrevistados apontavam as novas formas da linguagem “das teclas” como algo sobre o qual se deveria estar atento, mas não utilizando a palavra “ameaça”. Durante as entrevistas, alguns estudantes explicavam que seria provável que um determinado número de cibercibautas pudesse, tendencialmente, passar para a linguagem oral ou escrita, a linguagem que habitualmente usa ao *teclar*, prejudicando assim a língua do país. É, portanto, nas comunicações em linha, como os programas que permitem conversar com outros utilizadores em directo, que a ameaça parece existir para os entrevistados.

Há, porém, uma outra perspectiva, que é a de haver uma grande densidade de conteúdos na língua inglesa confirmada aliás pela utilização maciça de páginas ‘Web’ em inglês. São as raparigas quem mais manifesta o seu receio, com 24% a manifestar o seu acordo com a ideia da ameaça (contra 18% dos rapazes).

Tabela 19

**Navego por sítios em inglês?  
(Opinião; percentagem total,  
segundo género e faixa etária)**

	Total	Raparigas	Rapazes	*Velhos	*Novos
Não	13	14	12	10	15
Nunca	3	3	4	3	3
Raramente	10	11	8	7	12
Sim	85	84	85	90	81
Ocasionalmente	24	21	25	27	21
Regularmente	34	37	31	37	31
Muito Frequentemente	27	26	29	27	28

Os jovens *navegam* com frequência, além do português, noutras línguas: 85% dos inquiridos admitiu visitar páginas em inglês, dos quais 27% reconheceu fazê-lo “muito frequentemente”. Apenas 3% garantem nunca o fazer. No entanto, os jovens viajam noutras línguas além do inglês: 43% apontam o francês, 26% o espanhol, e 4% o português (a mesma percentagem que o japonês, que apenas é mencionado por rapazes, e o italiano). Há ainda 14% dos inquiridos a mencionarem o alemão. São os alunos mais novos que preferem os sítios em francês (50% nasceram depois de 1985 e 36% antes de 1984), enquanto que 33% dos mais velhos apontam o espanhol e apenas 19% dos mais novos manifesta o mesmo interesse. Os cibercibautas do sexo masculino dizem visitar mais sítios em inglês, bem como os mais velhos – em consonância com os resultados da pergunta relativa aos conhecimentos de inglês, à qual os rapazes indicam dominar melhor a língua do que as raparigas.

### **O que pensam os jovens da Internet (comparação com os livros, a televisão e a escola)**

Os jovens não são particularmente desconfiados em relação aos conteúdos encontrados na Internet. Sessenta e nove por cento admite confiar nas informações encontradas e 50% discorda que os livros sejam meios mais eficazes para fazer pesquisas; 63% dos inquiridos garante ser mais agradável aprender com a Internet do que com os livros.

**Tabela 20**  
**Comparativamente à Internet,**  
**os livros são mais eficazes**  
**para fazer pesquisa?**  
**(Opinião; percentagem total, segundo**  
**distribuição geográfica e género)**

	Total	Lisboa	Coimbra	Raparigas	Rapazes
Discorda	50	43	57	57	54
Discorda totalmente	16	12	22	12	23
Discorda em parte	34	32	36	35	31
Concorda	35	40	30	39	30
Concorda parcialmente	27	30	23	30	22
Totalmente de acordo	9	10	7	9	8

50% dos inquiridos discorda que os livros sejam mais eficazes para fazer pesquisas do que a Internet. Ou seja a Internet seria igualmente eficaz para a pesquisa (embora só 35% afirme esta concordância, sendo os restantes 15% de não respostas ou não sabe).

Os elevados resultados em Coimbra (indicando discordância em relação à maior utilidade dos livros para pesquisa) podem estar relacionados com o facto de ser em Coimbra que há um maior número de utilizações da Internet em contexto de sala de aula – portanto, para pesquisa. Dessa forma, os alunos podem ter não só a experiência de navegação arbitrária, mas sim com um objectivo, podendo testar as capacidades de pesquisa da ‘Web’, bem como a qualidade das mesmas.

As raparigas parecem ser mais prudentes que os rapazes, pois os resultados indicam que elas recusam mais a ideia de que a pesquisa na Internet é mais eficaz, comparativamente aos livros, do que os rapazes. Contudo, os resultados oferecem diversas leituras: se são maioritariamente os rapazes a “discordar totalmente” que os livros sejam mais eficazes que a Internet para fazer uma pesquisa, já são as raparigas que apresentam os resultados mais elevados na resposta que indica uma concordância parcial.

**Tabela 21**  
**É mais agradável aprender com os**  
**livros do que com a Internet?**  
**(Opinião; percentagem total)**

	%
Discorda	28
Discorda totalmente	7
Discorda em parte	20
Concorda	63
Concorda parcialmente	31
Totalmente de acordo	32

63% dos jovens concorda ser mais agradável aprender com os livros. Apesar de toda a sedução da tecnologia os jovens ainda ligam a aprendizagem ao seu objecto secular, o livro.

**O que pensam os jovens sobre o futuro da Internet**

Aos jovens entrevistados não lhes custa a acreditar que a *Rede* se tornará tão natural quanto o telefone ou a televisão, num futuro próximo: essa é a opinião de 87% dos inquiridos, dos quais 64% estão totalmente de acordo com a afirmação. No entanto, a maioria assume uma posição realista pois apenas 33% encara com facilidade a hipótese da televisão desaparecer com a massificação do acesso à Internet.

Os jovens, durante as entrevistas, mencionaram não ter hábitos de consumo ‘online’.

Muitos sublinharam mesmo que para comprar tinham que ver e tocar o produto. Apesar disso os inquiridos consideram que as compras em directo serão muito frequentes: 71% concorda que, no futuro, quase tudo se comprará via Internet.

Talvez por manifestarem alguma desconfiança em relação aos produtos que não podem tocar, 45% afirma estar parcialmente de acordo com esta afirmação. Embora muito aproximadas, as percentagens mais elevadas relativamente à concordância sobre este uso da Internet verificam-se nos resultados dos alunos mais velhos, e os números vão aumentando consoante o nível de escolari-

dade vai subindo. Também não se verificam grandes alterações entre utilizadores ocasionais e frequentes, apesar de serem os cibernautas muito frequentes os que detêm as percentagens mais elevadas.

**Tabela 22**  
**A Internet vai substituir a televisão?**  
**(Opinião; percentagem total, segundo género e perfil de utilizador)**

	Total	Ocasional	Regular	Muito frequente
Discorda	53	58	54	38
Discorda totalmente	23	24	23	17
Discorda em parte	30	34	31	21
Concorda	33	31	33	43
Concorda parcialmente	23	23	21	30
Totalmente de acordo	10	9	12	16

Para 53% dos inquiridos a Internet não irá substituir a televisão. A utilização da Internet poderá até ser tão natural quanto ver televisão – segundo 87% dos inquiridos, dos quais 64% não têm qualquer dúvida, mas dificilmente a irá substituir: pelo menos, essa é a opinião de 53% dos inquiridos, 30% dos quais manifestam o seu total desacordo pela ideia da substituição da televisão pela Internet - apenas 10% dos inquiridos concorda plenamente com a afirmação.

72% das raparigas afirma estar totalmente de acordo com a ideia de que a Internet será tão natural quanto o telefone ou a televisão, ao passo que a percentagem dos rapazes a sustentar o mesmo é de 58%. É também entre os que possuem um computador (70%) que o acordo é mais elevado (os que não têm PC e concordam totalmente ficam-se pelos 55%).

São os cibernautas frequentes que consideram que a Internet, no futuro, substituirá televisão: 16% concorda plenamente, e 9% dos ocasionais expressa a mesma opinião. Não se verificam grandes disparidades entre quem tem Internet e quem não tem.

**Tabela 23**  
**A Internet vai substituir a escola?**  
**(Opinião; percentagem total, segundo perfil do utilizador)**

	Total	Ocasional	Regular	Muito frequente
Discorda	71	74	69	64
Discorda totalmente	52	56	51	48
Discorda em parte	19	19	18	16
Concorda	17	14	18	20
Concorda parcialmente	7	7	6	10
Totalmente de acordo	10	7	13	10

Mas se os jovens já exprimem uma certa dificuldade em aceitar a antevisão da eliminação da televisão, quando se fala em escola, os números sobem ainda mais: 71% dos inquiridos acha que a Internet não vai substituir a escola. Apenas 17% dos alunos concordam que a Internet venha a tomar o lugar da escola, dos quais 10% afirma estar completamente de acordo (a percentagem mais elevada provém dos inquiridos do sexo masculino: 16%, contra 5% das raparigas) e dos alunos mais novos: 13% contra 4% dos mais velhos.

Os entrevistados evocam sobretudo as dificuldades de auto-organização e disciplina que poderiam dominar os alunos no ensino 'on-line', para além de apontarem o professor como uma chave fundamental e insubstituível no processo de aprendizagem.

Outros ainda mencionam o convívio que a escola proporciona e que, na sua opinião, a Internet não conseguirá nunca fazer equivar.

Os alunos dos níveis de escolaridade mais avançados apresentam os resultados mais elevados nas opções que indicam repúdio pela substituição da escola pela *Rede*. Os que frequentam mais a *Rede* aceitam com mais facilidade a substituição da escola pela Internet, (10% nos frequentes e 13% nos regulares, que sustentam estar completamente de acordo na substituição da escola pela Internet).

**Tabela 24**  
**Futuramente, para trabalhar,**  
**será necessário dominar a Internet?**  
**(Opinião; percentagem total,**  
**segundo género perfil de utilizador)**

	Total	Raparigas	Rapazes	Mais Velhos	Mais Novos
Discorda	15	14	17	13	17
Discorda totalmente	5	4	8	3	7
Discorda em parte	10	10	9	10	10
Concorda	73	75	71	79	69
Concorda parcialmente	39	39	40	38	40
Totalmente de acordo	34	36	31	41	29

A necessidade de dominar a Internet para poder trabalhar futuramente é algo que merece o consenso de 73% dos inquiridos. Embora 11% não se pronunciem, apenas 15% discordam da ideia de que é imperativo saber utilizar a ‘Web’ para trabalhar. Cinco por cento discorda mesmo totalmente, mas a percentagem dos que concorda sem qualquer margem de dúvida atinge os 34%. São as raparigas, do grupo dos mais velhos, quem mais reitera a necessidade de aprender a utilizar a Rede. Será porque é corrente entre as raparigas a ideia de que têm sempre que saber mais, dominar mais linguagens, conhecer mais domínios para poderem competir socialmente?

Durante as entrevistas, alguns jovens lembravam que, apesar de reconhecerem a importância da ‘Web’, não consideravam imperativo o seu domínio para determinadas áreas de trabalho.

**Síntese-Representação**

Que representações são então mais correntes no jovens inquiridos?

- A Internet é revolucionária (79%);
- Depois de experimentar há jovens que não podem passar sem Internet (45%), mas

há um número exactamente igual que vive bem sem ela (45%);

- 86% discorda que a Internet seja um perda de tempo;

- A Internet é fácil de aprender (74%);

- O inglês é considerado necessário para a net (63%);

• As opiniões dividem-se sobre a necessidade de conhecer a informática (45% acha que não, 44% acha que sim);

- É fácil aprender a usar a Internet (75%);

Os jovens inquiridos

- confiam nos conteúdos da Internet (69%);

- concordam com a perspectiva de se controlarem os conteúdos da Internet (56%);

- concordam que a Internet pode ser um contributo para melhorar a comunicação entre as pessoas (87%);

- acham que o uso da Internet não implica que falemos menos com os outros(60%);

- consideram a Internet como um meio de diversão (73%);

- não vêm a Internet como uma ameaça ao português (66%);

- visitam páginas em inglês (85%);

- 50% dos inquiridos discorda que os livros sejam mais eficazes para fazer pesquisas do que a Internet. Ou seja, a Internet seria igualmente eficaz para a pesquisa (embora só 35% afirme esta concordância, sendo os restantes 15% de não respostas ou não sabe).

- concordam que é mais agradável aprender com os livros do que com a Internet (63%);

- acreditam que a Internet se tornará, no futuro, tão natural como a televisão e o telefone (87%);

- acreditam que, no futuro, as compras pela Internet serão muito frequentes (71%);

- não pensam que a Internet vá substituir, no futuro, a televisão (53%);

- discordam que a Internet possa vir a substituir a escola, no futuro (71%);

- estão de acordo (73%) que, para poder trabalhar, futuramente, seja preciso dominar a Internet.

**Bibliografia**

**Browning**, Gary, Halcli, Abigail, Webster, Frank (Editores), *Understanding contemporary society: Theories of the present*, London, sage Publications, 2000

**Cabral**, Manuel Villaverde e Pais, José Machado, (Coordenadores), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta, 1998

**Castells**, Manuel, *La galaxie Internet*, Paris, Fayard, 2001

**Flichy**, Patrice, *L'imaginaire d'Internet*, Paris, Editions La Découverte, 2001

**Lévy**, Pierre, *Cyberdémocratie*, Paris, Éditions odile Jacob, 2002

**Mata**, João (Coord), *Sociedade de Informação: Principais indicadores estatísticos-Portugal*, Lisboa, Observatório da Ciência e da Tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia, Março 2002

**Schneidermann**, Daniel, *Les folies d'Internet*, Paris, Fayard, 2000

**Sennet**, Richard, *L'uomo flessibile: Le conseguenze del nuovo capitalismo sulla vita personale*, Roma, Feltrinelli, 1999

**Valentini**, Giovanni, *Media Village: L'informazione nell'era di Internet*, Roma, Donzelli Editore, 2000

---

<sup>1</sup> Centro de Investigação Media e Jornalismo.